

TARRACO

B I E N N A L



ACTES

1^{ER} CONGRÉS INTERNACIONAL D'ARQUEOLOGIA I MÓN ANTIC

GOVERN I SOCIETAT A LA HISPÀNIA ROMANA
NOVETATS EPIGRÀFIQUES
HOMENATGE A GÉZA ALFÖLDY

TARRACO

B I E N N A L

ACTES

1^{ER} CONGRÉS INTERNACIONAL D'ARQUEOLOGIA I MÓN ANTIC

GOVERN I SOCIETAT A LA HISPÀNIA ROMANA
NOVETATS EPIGRÀFIQUES
HOMENATGE A GÉZA ALFÖLDY

TARRAGONA, 29-30 DE NOVEMBRE I 1 DE DESEMBRE DE 2012

EDICIÓ A CURA DE
JORDI LÓPEZ VILAR

TARRAGONA, 2013

Comitè científic

Maria Adserias Sans – Serveis Territorials de Cultura – Generalitat de Catalunya
Lluís Balart Boïgues – Museu d'Història de Tarragona
Jordi López Vilar (secretari) – Institut Català d'Arqueologia Clàssica
Joan Josep Marca – Fundació Privada Mútua Catalana
Ramón Marrugat Cuyàs – Fundació Privada Mútua Catalana
Maite Miró i Alaix – Serveis Territorials de Cultura – Generalitat de Catalunya
Antoni Pujol Niubó – Fundació Privada Mútua Catalana
Isabel Rodà de Llanza – Universitat Autònoma de Barcelona – Institut Català d'Arqueologia Clàssica
Francesc Roig i Queralt – Fundació Privada Mútua Catalana
Jordi Rovira Soriano – Reial Societat Arqueològica Tarraconense
Joaquín Ruiz de Arbulo – Universitat Rovira i Virgili. Càtedra d'Arqueologia
Francesc Tarrats Bou – Museu Nacional Arqueològic de Tarragona

© de l'edició, Fundació Privada Mútua Catalana

© del text, els autors

© de les fotografies i il·lustracions, els autors, llevat que s'indiqui el contrari

Primera edició: Novembre de 2013

Maquetació i impressió: Indústries Gràfiques Gabriel Gibert

Disseny de la coberta: Llorenç Brell

Fotografia de la coberta: Jordi Rovira

Dipòsit Legal: T-1364-2013

ISBN: 978-84-616675-2-9

NOVIDADES EPIGRÁFICAS DOS *CONVENTUS SCALLABITANUS* E *PACENSIS*

José d'Encarnação, *Investigador do CEAUCP – Portugal*

ABERTURA

Aceitei de bom grado o desafio que me foi dirigido no sentido de apresentar aqui, em síntese, as novidades epigráficas que, ao longo dos últimos anos, surgiram no território atribuído aos *conventus Scallabitanus* e *Pacensis*. Muitas foram, como se imagina; muito difícil é, pois, uma selecção e, sobretudo, a sua apresentação sistemática de modo aliciante e correcto.

Esta é, pois, uma das várias opções possíveis, privilegiando o que se me afigura de mais significativo do ponto de vista histórico-epigráfico. Uma visão parcial, pessoal, é evidente, onde não pretendo apresentar monumentos inéditos, mas sim o que, no termo desses dois *conventus*, constituiu novidade, por abrir novas pistas de investigação e ser fora do comum. *Non nova sed nove*, sempre que possível!

A Internet, o fácil recurso ao PDF de textos publicados e ao correio electrónico vieram permitir maior comunicação entre os epigrafistas, de modo que, hoje, a investigação se processa com mais facilidade, num muito maior e louvável intercâmbio. Por outro lado, a criação, em 1982, do *Ficheiro Epigráfico*, revista expressamente destinada a dar a conhecer rapidamente epígrafes inéditas, revelou-se mui útil instrumento, se tivermos em consideração que temos publicados, até 2012, 104 números, para um total de mais de 460 monumentos inéditos!¹ Pensamos na edição em papel até ao nº 100; daí por diante, privilegiar-se-á a opção digital, que possibilitará ainda maior circulação da informação, que vivamente se preconiza.

Recordemos, ainda, que é na Lusitânia, mais propriamente em S. Miguel de Odrinhas (Sintra), que, por iniciativa do município local e mercê do dinamismo incansável de José Cardim Ribeiro, se criou o primeiro museu português expressamente dedicado a albergar a abundante colecção epigráfica proveniente da região (SUSINI 2001). Tem o museu uma biblioteca especializada; dispõe de

livros antigos e de manuscritos; faz frequentes sessões de divulgação da Epigrafia como ciência da História.

O MUNDO PRÉ-ROMANO

Como um dos achados mais sugestivos pode assinalar-se o de um altar, em plena área urbana de Viseu, cidade do interior conhecida por, na época romana, ter sido, sem dúvida, importante nó viário (VAZ 1976). Discutiu-se longamente, porém, qual teria sido a sua designação romana. Capital de *civitas* terá sido, até pelo esplendor que foi detendo em tempos posteriores (ALARCÃO 1989). O altar ora exumado (fig. 1) apresenta-se, a meu ver, como altar fundacional, até pela localização deveras central onde foi encontrado, na colina onde, posteriormente, se ergueu a catedral. A tipologia é claramente romana; a imponência do *foculus* incita a ver aí o ritual místico purificador. Reveste-se o texto de grande significado, pois que, ostentando onomástica bem latina, o dedicante se identifica à maneira indígena – *Albinus Chereae f(ilius)* – e a dedicatória é feita, segundo a minha interpretação, em nome da comunidade que representa, a uma divindade encarada no seu lado feminino e masculino (ENCARNAÇÃO 2002), com grafia estranha e epítetos ainda não identificados: *Deiba Borigo Deibo Bor(igo) Vissaieigo Bor(igo)*; o formulário final, bem latino também e em siglas: *v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*. Não hesito, pois, a ver em *Vissaieigo* um adjectivo formado a partir do topónimo, que poderia ser *Vissaeum*, donde derivou o actual nome: Viseu.

Considerou António Tovar (1985) existir nesta zona uma língua que poderia designar-se o «lusitano». Apresenta-se esse como um dos temas mais aliciantes da investigação sobre o mundo pré-romano na Lusitânia, até porque se identificaram diversas epígrafes, sobretudo rupestres e de teor religioso e sacrificial: em Lamas de Moledo (Cas-

1. Acessível em http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.



Figura 1. Altar fundacional da Viseu romana.

tro Daire), no Cabeço das Fráguas (Sabugal), em Arroyo de la Luz (Cáceres). A descoberta, em 2008, de mais um documento desse teor na área de Arronches, reactivou a discussão, até porque, a par da menção a divindades já conhecidas doutras epígrafes (*Banda, Cosus, Reva, Cantibidona...*), novos teónimos se registaram (*Broeneia*, por exemplo) e foram proporcionados elementos passíveis de fazer considerar a epígrafe como documento do sacrifício sazonal de certo número (dez?) cabeças de gado, em locais tidos por sagrados, situáveis nas

rotas da transumânica. O texto (fig. 2) oferece bastantes dificuldades de interpretação (ENCARNAÇÃO *et alii* 2008; PRÓSPER e VILLAR 2009), mas antoja-se, sem dúvida, como um dos mais significativos testemunhos em relação às ancestrais práticas religiosas pré-romanas².

Outro aspecto do mundo pré-romano susceptível de análise prende-se com a organização político-social: que povos pré-existiram? Como estavam organizados? Será possível estabelecer hierarquias? María Lourdes Albertos, uma das investigadoras que mais se dedicou ao tema, falou de «organizaciones suprafamiliares» (1975), para evitar designações como «clã», «gentilidade», «tribo», «centúria», susceptíveis de gerar perplexidades. Hoje, é possível concretizar algumas noções, mormente devido a três novos textos, que possibilitaram, a meu ver, nova interpretação de uma epígrafe que desde há muito causava alguma perplexidade.

No epitáfio de *Boutius Pelli f(i)lius*, encontrado perto de Castelo Branco, termo integrável mui possivelmente no *ager Igaeditanorum*, faz-se referência (ENCARNAÇÃO 2004) à *gentilitas Aesuriorum*, relacionável com o *nomen Aesurius* documentado na capital da Lusitânia (<http://eda-bea.es/>, registo nº 25 631, por exemplo).

Também no termo da *civitas Igaeditanorum*, em Alcains, dois altares provenientes do mesmo local vieram lançar nova luz sobre a hipótese que já fora apresentada por José Leite de Vasconcelos de que os nomes das *gentilitates* poderiam ter sido formados a partir do nome do seu fundador³. *L. Attius Vegetus* manda lavrar dedicatória *Asidiae Poltucae* e, por seu turno, a *gentilitas Polturiciorum* homenageia *Asidia ex voto Polturi Caenonis (filius)*. A relação é, quanto a mim, evidente: *Polturius*, o antepassado fundador, deu o nome à *gentilitas Polturiciorum* e esta, por seu turno, detém como divindade tutelar *Asidia*, a que junta o epíteto *Poltucea*⁴.

Pode, assim, tornar-se compreensível o estranho genitivo da inscrição <http://eda-bea.es/>, registo nº 22 943, que tem sido alvo das mais diversas interpretações. Trata-se de uma placa de 33 x 44 x 10 cm,

2. Assinale-se que a epígrafe ficou exposta no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, durante todo o período em que ali decorreu o X Colóquio Internacional sobre Línguas e Culturas Paleo-hispânicas, (26.28-02-2009), a fim de dar a possibilidade a todos os especialistas de sobre ela demoradamente se debruçarem.

3. «Da existência de *gentilitates*, agrupamentos especiais, que, ao que parece, tinham por base a família, e que possuíam cultos próprios, falam várias inscrições da época romana» (1905, 78).

4. Os dois monumentos foram publicados por ASSUNÇÃO, ENCARNAÇÃO e GUERRA (2009). O raciocínio ora apresentado foi explicitado em ENCARNAÇÃO 2011, 116-118. Aproveite-se o ensejo para assinalar como não é linear, do ponto de vista linguístico, a formação das várias palavras aqui 'implicadas' – *Polturius, Polturicii, Poltuca* – ainda que se lhes facilmente reconheça a identidade etimológica. Mais uma vez, em meu entender, o papel da oralidade resultou fundamental nestes primórdios da passagem à grafia na pedra de vocábulos inusitados para o grupo então falante, no quadro de uma aculturação linguística incipiente.

de um material, por quanto me parece, alheio à Península Ibérica, onde se lê:

Q(uintus) TALLIVS SEX(ti) F(ilius) PAPI(ria)
AVGV(sta Emerita)
ORARIVM DONAVIT
IGAIDITANIS L(ocus) A(dsignatus?) F(uit)
PER MAG(istros)
TOVTONI ARCI F(iliu)
MALGEINI MANLI(i) F(iliu)
CELTI ARANTONI(i) F(iliu)
AMMINI ATI F(iliu)
L(ucio) DOMITIO AENOBARBO
P(ublio) CORNELIO SCIPIONE CO(n)
[S(ulibus)]

Tem-se discutido a identificação do ofertante do *orarium*⁵, assim como o desdobramento das siglas L. A. F. da linha 3: L(ocus) A(dsignatus) F(uit), L(ocus) A(cceptus) F(uit) ou L(ibens) A(nimo) F(ecit). Creio que a terceira hipótese se deve descartar, por pertencer ao universo das epígrafes votivas; qualquer das outras duas se me afiguram, ao invés, perfeitamente aceitáveis, talvez mais a primeira, por razões lógicas de procedimento, porque a oferta implicaria a decisão não apenas da aceitação como também da escolha do lugar de honra em que doravante o relógio deveria figurar.

Do que não há dúvida é de que *per mag* deve ser interpretado como *per mag(istros)* ou *per mag(istratum)*. Afigura-se-me a 2ª hipótese um tudo-nada elaborada de mais para a época, num momento em que o vocabulário administrativo ainda não seria, de todo, de uso quotidiano; não há dúvida, porém, que, a ser assim, estava tudo certo: eram quatro, como habitualmente, os *magistri* e o genitivo estava justificado: aludia-se à magistratura conjunta, nesse ano de 16 a.C., de *Toutonus*, de *Malgeinus*, de *Celtius* e de *Amminus*. Preconizo, pois, a adopção da 1ª hipótese, à luz das reflexões anteriores: os genitivos identificam, através dos nomes dos seus fundadores, as *gentilitates* presentes na cerimónia, as quatro que integrariam, na altura, a *civitas Igaeditanorum*, que, aproveite-se para o referir, estava sob a tutela da divindade *Igaedus* e dela mui provavelmente houve nome (ENCARNAÇÃO 1975, 199-200).

Ainda o mundo pré-romano: uma reflexão mais acerca do modo como é que ele poderia estar organizado em determinada ocasião, reflexão motivada pela identificação de uma tábua de bronze (fig. 2)



Figura 2. Inscrição em língua lusitana, de Arronches.

no termo de Campo Maior, limite entre os *conventus Pacensis* e *Emeritensis*. Que poderá significar «Cabúrio, filho de Tangino, ofereceu, a expensas suas, a tábua ao povo que se reúnem [sic] na capital Ártica»?

Já tivemos ocasião de mostrar (ENCARNAÇÃO 2009; 2011: 66, 69-70) que nada levar a pensar estarmos perante uma peça forjada; por outro lado, ainda que o seu teor se afaste um pouco das *tesserae paganicae* conhecidas, o certo é que ela se enquadra nesse tipo a que ora se está a dar a maior importância (BELTRÁN 2006; GÓMEZ-PANTOJA 2009). Poderá o texto referir-se a uma das habituais cerimónias de *lustratio* dos campos, as *feriae paganicae*, a ocorrer no *vicus*, como sede administrativa de vários *pagi*. No caso vertente, foi um particular, indígena, *Caburius*, quem pagou as despesas; outras vezes, é o *magister* ou todo o povo (*publice*). A *tessera*, a guardar num lugar sagrado para melhor preservação, em contexto, pois, mais religioso do que político-militar, inserida no âmbito da organização rural municipal, simbolizaria a solenidade do acto – como, hoje, a entrega da ‘chave da cidade’ a uma personagem ilustre (digo eu). Um fenómeno urbano, portanto, concretizado em ambiente rural.

5. Creio, porém, não valer a pena insistir mais nesse assunto, tão evidente ele é para mim, atendendo às grandes relações, amiúde referidas (ENCARNAÇÃO 2004) entre a *civitas Igaeditanorum* e *Emerita Augusta*. A ausência de *cognomen* é perfeitamente normal nessa época e a referência a que *Q(uintus) Tallius* foi inscrito na tribo Papíria e que é natural de *Emerita Augusta* justifica-se cabalmente por se tratar de uma doação oficial.

O PODER CENTRAL

Dois ou três apontamentos, suscitados por novas interpretações de epígrafes já conhecidas, permitir-nos-ão mostrar como, desde sempre, este Ocidente esteve bem presente no centro do poder político.

CIL II 963, homenagem da *civitas Aruccitana* a Agripina, enquadra-se cabalmente no que estrategicamente foi estipulado por Calígula em relação à reabilitação de Germânico e da sua família – eco, pois, das determinações consignadas, por exemplo, na *Tabula Siarensis*⁶.

Ordem que se cumpre fora também a de honrar, na *civitas Igaeditanorum*, Gaio César, em 3 ou 4 dC., como se honrara em *Emerita Augusta* ou em *Caesaraugusta*. Um ditame emanado do imperador Augusto, motivado pela morte prematura dos filhos que adoptara com vista a garantir a sucessão no trono (ENCARNAÇÃO 2007, 352-355). E o curioso é verificar que se trata de homenagens em cidades do interior, mas que – devido à riqueza (mineira, designadamente) do território envolvente – careciam de estar nas boas graças imperiais.

Ordens que se cumprem, gratidão que se revela: mais tarde, numa conjuntura bem diferente, homenageia-se Constâncio Cloro em *Aeminium* (CIL II 5239) e em *Eburobrittium* (ENCARNAÇÃO E MOREIRA 2010, 44-45).

Finalmente, comportamento que se manifesta: na ida à ponta mais ocidental da Península Ibérica (e do continente europeu...), em cujo santuário campestre (RIBEIRO 2002), ali diante do pélagos imenso a perder de vista, os legados imperiais honram o Sol e honram a Lua, *pro salute et incolumitate imperatoris!*

AS PERSONALIDADES

No âmbito das «personalidades», alusão a duas novidades.

Primeira, o reaparecimento de CIL II 182, imponente pedestal dedicado, em *Olisipo*, *divo Augusto* por dois dos seus augustais, Gaio Ário Optato, Gaio Júlio Eutico (ENCARNAÇÃO E QUINTEIRA 2009).

Segunda, o achamento, em reutilização, nas chamadas Termas dos Cássios, em Lisboa, de um cipo paralelepípedo de lioz de veios rosados, com 99 x 49 x 48,5 cm, dedicado *L. Cornelius Bocchus* (FE 275 = AE 2002 661). A sua identificação e

a sua carreira vêm aí explicitadas sem margem para dúvidas: salaciense, filho de Lúcio, flâmine provincial, prefeito dos artífices por 5 vezes, tribuno da VIII legião Augusta – num monumento feito por decreto dos decurhões. Dúvidas há no que concerne ao relacionamento – ou possível identificação – deste com algum dos *Cornelii Bocchi*, atestados nessa zona ocidental lusitana. Por isso, aliás, se fez reunião científica expressamente dedicada a estas personalidades (CARDOSO E ALMAGRO-GORBEA 2011).

A EPIGRAFIA... ESPONTÂNEA!

Bem patente nos grafitos (ENCARNAÇÃO 2009), já era conhecida, por exemplo, dos testemunhos incluídos no livro da epigrafia conimbricense (ÉTIENNE; FABRE; LÉVÊQUE 1976, 143-205), de que, porventura, o mais citado reza assim: *Ex officina Maelonis diarias rogatas solvi*, «Da oficina de Melão. Fiz as diárias pedidas» (nº 358a).

Nesse domínio, porém, dois outros testemunhos trouxeram novidades: em *Eburobrittium*, *usque hic CCC*, que é como quem diz: «Até aqui, eu contei 300 tijolos!» – e imaginamos o dono do forno a fazer contas, tal como, ao final do dia, o incógnito oleiro do tijolo de quadrante de Conimbriga, para verificar se a encomenda estava correcta (ENCARNAÇÃO E MOREIRA 2010, 53-54).

Mais esclarecedor foi, porém, o artesão de *Abelterium*, que lavrou num *imbrex* (fig. 3) o seguinte testemunho:

VIIRNA
CVLVS
FECIT
IMBRICIIS
AB[II]LTIRIO
AD CASTOREM
(*duo milia*)
(*mille*)
DCCCCL
DCCC

«Vernáculo fez, em Abeltério, à do Castor, tijolos 2000, 1000, 950, 800».

E, assim, numa penada, informou-nos acerca de quantidades, do nome romano de Alter do Chão – uma questão assaz discutida até agora –, e do nome do proprietário da olaria: Castor. Um documento aparentemente assaz singelo, mas de

6. A importância desta *tabula* – cujo texto pode ler-se em AE 1984 508 – justificou a realização de uma reunião científica em Sevilha, cujas actas foram publicadas: GONZÁLEZ Y ARCE 1988. O texto de Moura, a Agripina, foi reexaminado (ENCARNAÇÃO 1989) e integrado na série de epígrafes que patenteavam essa especial ligação ao poder central (ENCARNAÇÃO 2007, 358-361).

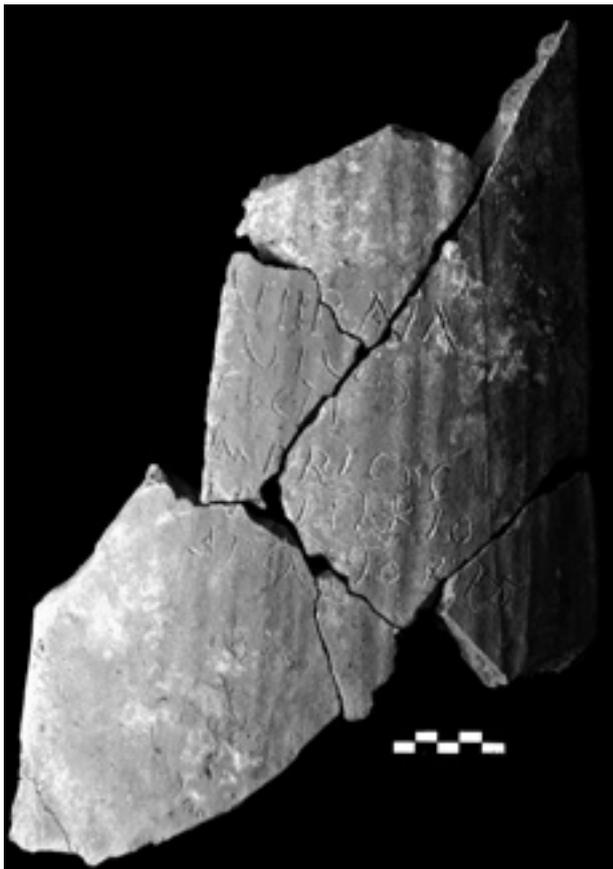


Figura 3. Grafito em *imbrex*, de Alter do Chão.

rara importância documental (ANTÓNIO E ENCARNAÇÃO 2009).

FORTES ECOS CULTURAIS

Apenas um relançar de olhos, primeiro sobre a área em torno de *Conimbriga*, aparentemente modesta cidade sem grande fulgor: os recentes achados revelam-nos grande ligação com a cidade de Roma e, de modo especial, com o ambiente cultural que dela sem dúvida dimanou. Nada menos!

Na *villa* romana de Santiago da Guarda, riquíssima de mosaicos com bem erudita decoração (TRINDADE *et alii* 2006), há uma epígrafe que diz: VE(ctigale) R(ei) P(ublicae) M(unicipii) VICINI (fig. 4). Ou seja, este prédio, ainda que situado em território alheio (o de *Seilium*, actual Tomar), está colectado, para efeitos de impostos (*vectigalia*), no «município vizinho», que seria o de *Conimbriga*! Compreende-se como, por detrás deste singelo escrito, rudemente gravado numa pedra de muro sem



Figura 4. Inscrição romana de teor administrativo, de Santiago da Guarda.

afeiçoamento especial, há toda uma organização administrativa e um saber longamente adquirido (ENCARNAÇÃO e MONTEIRO 1993-1994).

É notabilíssima pelos seus excepcionais mosaicos a *villa* romana do Rabaçal (PESSOA e RODRIGO 2004). Ora, um estudo recente (PEREIRA *et alii* 2012) veio demonstrar que a quase totalidade das moedas aí encontradas foram directamente cunhadas em oficinas de Roma!...

E essa estreita ligação à Urbe está bem patente no facto de ser *Conimbriga* a cidade peninsular em que se documentam mais falecimentos ocorridos em Roma: *P. Lucanius Reburinus*, de 37 anos, *Romae sepultus*; *M. Iul. Seranus in itinere urbis defuncto et sepulto*; *Iulius Fortunatus, ann(or)um XXVIII, [Ro]mae sepultus* lê-se numa epígrafe do paço da Ega, seguramente levada de *Conimbriga* para utilização na construção (FE 443)⁷. E Silvio Panciera teve ocasião (2003: 368-373) de dar a conhecer a informação acerca da existência, em Roma, de um possível pedestal de estátua equestre mandado erguer pela *ex provinc(ia) Lusitan(ia) civitas Conimbrigens(ium)* ao seu *patronus*, por intermédio de dois legados: *Sex. Caesennium Silonem et Sillonem Andronici [filium?]*...

Em Soure, localidade também vizinha de *Conimbriga*, se encontrou uma epígrafe sobre que de novo ora me debrucei (Encarnação 2012), tendo ficado maravilhado com o facto de alguém ter mandado gravar no seu sarcófago uma invulgar cena de caça à lebre – que tem eco, porém, numa representação de mosaico de *Conimbriga*, precisamente – acompanhada da informação de que seu monumento funerário deveria ficar ornamentado *cum marmoribus et laquiaribus* (fig. 5). A pesquisa levada a efeito no que concerne à utilização do vocábulo *laquearia* veio provar o seu carácter literário, usado em circunstâncias deveras especiais: [...] *dependent lychni laquearibus aureis incensi* (*Eneida* 1, 726); *Tectum*

7. Na epigrafia romana peninsular, encontrámos apenas mais uma referência a morte ocorrida em Roma: é a de *Q. Cadius Fronto*, *Romae defunctus*, patente em epígrafe de jazigo de família (CIL II 6271), que se guarda encastrada numa das paredes do castelo de Almourol, em pleno leito do rio Tejo (concelho de Vila Nova da Barquinha). Sobre a importância desta *gens Cadia*: LUCAS, 1989.



Figura 5. Epígrafe do sarcófago de Soure.

inter et laquearia tres senatores [...] (Tácito, *Anais*, 4, 69, 1); *Non inpendebant celata laquearia sed [...]* (Séneca, *Cartas a Lucílio*, 90, 42); [...] *repente lacunaria sonare coeperunt totumque triclinium intremuit* (Petrônio, *Satíricon*, 60, 1-3).

Mas esses fortes ecos culturais revelam-se também em *Salacia* (actual Alcácer do Sal), sita não muito longe da foz do Rio Sado, rio que desempenhou importante papel económico na época pré-romana e durante os primeiros tempos romanos.

Em primeiro lugar, o facto de aí se ter encontrado a, até agora, única *tabella defixionis* desta zona ocidental peninsular. Gravada em lâmina de chumbo, epigrafada nas suas duas faces (fig. 6 e 7), diz o seguinte:

FACE A

Domine Megare

Inuicte! Tu, qui Attidis

corpus accepisti, accipias cor-

pus eius qui meas sarcinas

supstulit, qui me compilauit

de domo Hispani. Illius corpus

tibi et anima(m) do dono ut meas

res inueniua(m). Tunc tibi (h)ostia(m)

FACE B

quadripede(m) done(m) Attis, uoueo,

si eu(m) fure(m) inuenero. Dom(i)ne

Attis, te rogo per tu(u)m Nocturnum

ut me quam primu(m) compote(m) facias.

Ainda que se verifiquem duas ou três divergências de pormenor em relação a esse texto que apresentámos (ENCARNAÇÃO E FARIA 2002)⁸, poderemos sintetizar assim o seu conteúdo: um pedido a Hércules e a Átis, para que intercedam num caso de roubo de bens, com a promessa de que – se o fize-

rem, nomeadamente por intervenção do Nocturno (espírito maligno de Átis) – receberão como recompensa o sacrifício de um quadrúpede.

Adopção plena, portanto, dos rituais mediterrânicos.

O mais recente documento epigráfico de *Salacia* insere-se também nesse contacto forte e duradouro entre o Mediterrâneo e a zona ocidental peninsular. Trata-se, segundo cremos, de um elemento arquitectónico, a integrar em monumento dedicado a uma divindade protectora do gado lanígero (FE 416). Não temos elementos bastantes para garantir a identidade do dedicante, verosimilmente um liberto, mas a representação de uma ovelha em baixo-relevo, na posição de se ‘apresentar’ para ser sacrificada (fig. 8), despertou o maior interesse entre os investigadores⁹ e veio confirmar não só o louvor dado por Plínio à excelente qualidade das lãs de *Salacia* (*Nat. Hist.*, 8, 191), como também justificar o elevado número de cossiros recuperados nas campanhas arqueológicas levadas a cabo no aglomerado urbano (SEPÚLVEDA *et alii* 2006).

E, a concluir, do outro lado do *conventus Pacensis*, dois novos documentos (FE 457 e 460) vieram ilustrar, por um lado, a fácil recepção, por parte da população, dos formulários latinos, ainda que os mais requintados – R(*ogamus*) P(*raeteriens*) D(*ic*) S(*it*) V(*obis*) T(*erra*) L(*ewis*) –, e, por outro, um fenómeno que já registámos (ENCARNAÇÃO 1991) na Quinta de Marim (Olhão): facilmente se adoptam os modelos estéticos; a alfabetização, o entrar mais intimamente no modo de escrita e de identificação romana é que já é mais complexo! Assim interpretamos, de facto, a estranha grafia patente em FE 460, num suporte esteticamente bem conseguido. Trata-se da estela funerária de uma *Ceplca* [?] *Maria*, de

8. Vejam-se os comentários de GUERRA 2003, MARCO 2004 e NASCIMENTO 2010.

9. Vejam-se as opiniões em FE 100, ad n. 416.



Figura 6 e 7. Faces A e B da *tabella defixionis* de Salacia.

60 anos, mandada lavar pelo seu liberto e herdeiro, *Moehus* [?]. *Ceplca? Moehus?* – cada novidade, cada nova questão!... Esse, o supremo encanto das... novidades epigráficas!.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, JORGE DE (1989). *A cidade romana de Viseu*. Viseu: Câmara Municipal.
- ALBERTOS FIRMAT, M^a LOURDES (1975). *Organizaciones Suprafamiliares en la Hispania Antigua*. Valladolid: Universidad, Departamento de Prehistoria y Arqueología.
- ANTÓNIO, JORGE; ENCARNÇÃO, JOSÉ D' (2009). "Grafito identifica Alter do Chão como *Abelterium*". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 12/1, p. 197-200. <http://hdl.handle.net/10316/13555>.
- ASSUNÇÃO, ANTÓNIO; ENCARNÇÃO, JOSÉ D'; GUERRA, AMÍLCAR (2009). "Duas aras votivas romanas em Alcains". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 12/2, p. 177-189. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/14377>.
- BELTRÁN LLORIS, FRANCISCO (2006). "Rural communities and civic participation in Hispania during the Principate", in Francisco Marco Simón, Francisco F. Pina Polo e José Remesal Rodríguez [eds.], *Repúblicas y ciudadanos: modelos de participación cívica en el mundo antiguo*, Barcelona, p. 257-272.
- CARDOSO, JOÃO LUÍS; ALMAGRO-GORBEA, MARTÍN [eds.] (2011). *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS – Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina* [Colóquio Internacional de Tróia, 6-8 de Outubro de 2010], Academia Portuguesa de História e Real Academia de la Historia, Lisboa – Madrid, p. 189-201.
- ENCARNÇÃO, JOSÉ D'. *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975.
- ENCARNÇÃO, JOSÉ D' (1989). "Uma homenagem a Agripina, mulher de Germânico". *Conimbriga*, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 23, p. 157-167.
- ENCARNÇÃO, JOSÉ D' (1991). «A necrópole romana da Quinta de Marim (Olhão): a onomástica enquanto índice sociocultural», *Anais do Município de Faro*, Câmara Municipal de Faro, 21, p. 229-241. <http://hdl.handle.net/10316/21615>.
- ENCARNÇÃO, JOSÉ D' (2002). "O sexo dos deuses romanos", *Scripta Antiqua*, Universidad de Valladolid, p. 517-525.
- ENCARNÇÃO, JOSÉ D' (2004). «*Emerita e civitas Igaeditanorum*: uma relação bem registada na



Figura 8. Placa votiva de Salacia.

- epigrafia». *Eburobriga*, Museu Municipal do Fundão, 1, p. 57-60.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' (2007). "O culto imperial na epigrafia da Lusitânia ocidental: novidades e reflexões", in Nogales, Trinidad y González (Julián) [edit.], *Culto Imperial: Política y Poder* (Actas do congresso realizado no Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 18-19.05.2006), Roma, p. 349-367. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/10506>.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' (2008) *et alii*. "Inscrição votiva em língua lusitana (Arronches, Portalegre)". *Conimbriga*, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 47, p. 85-102. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/10754>.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' (2009). "A epigrafia do momento: grafitos... a comunicação sedutora". In Angeli Bertinelli, Maria Gabriella, e Donati, Angela [coord.], *Opinione Pubblica e Forme di Comunicazione a Roma: il Linguaggio dell'Epigrafia* (Atti del Colloquio AIEGL - Borghesi 2007). Fratelli Lega Editori, Faenza, p. 15-28. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/11470>.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' (2009). "Da invenção de inscrições romanas, ontem e hoje: a propósito de uma tésseira de bronze", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 12/1, p. 127-138. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/13556>.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' (2011). "Dos minérios e das epígrafes em tempo de Romanos". In Batata (Carlos) [edit.], *Actas VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu (realizado na Casa das Artes e Cultura do Tejo - Vila Velha de Ródão - nos dias 18, 19 e 20 de Junho de 2010)*, Abrantes, pp. 59-73. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/16875>.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' (2011). "Roma e Ibéria Ocidental: duas mundividências em contato". In Rosa, Cláudia Beltrão *et alii* [org.], *A Busca do Antigo*, NAU Editora, Rio de Janeiro, p. 99-118. <http://hdl.handle.net/10316/16990>.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' (2012). "O singular monumento funerário romano de Soure (*Conventus Scallabitanus*)", *Espacio, Tiempo y Forma*, UNED, Madrid, série II, 25, p. 245-260. <http://hdl.handle.net/10316/21674>.
- ENCARNAÇÃO JOSÉ D'; FARIA, JOÃO CARLOS LÁZARO (2002). "O santuário romano e a *defixio* de Alcácer do Sal". In Ribeiro, José Cardim [coord.], *Religiões da Lusitânia - Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 259-263.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D'; MONTEIRO, ANTÓNIO J. N. (1993-1994). "A propósito de uma inscrição latina em Santiago da Guarda (Ansião)", *Conimbriga*, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 32-33, p. 295-302.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D'; MOREIRA, JOSÉ BELEZA (2010). "*Eburobrittium* e as suas epígrafes singulares", *Conimbriga*, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 49, p. 41-67. <http://hdl.handle.net/10316/20147>.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' E QUINTEIRA, CATARINA (2009). "Pedestal ao divino Augusto, de Olisipo, reencontrado", *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*, Universidad de Barcelona, 7, p. 143-146. <http://hdl.handle.net/10316/12252>.
- ÉTIENNE, ROBERT ; FABRE, GEORGES ; LÉVÊQUE (PIERRE ET MONIQUE) (1976). *Fouilles de Conimbriga, II - Épigraphie et Sculpture*. Paris.
- FE 275 = DIOGO, A. M. DIAS; TRINDADE, LUÍSA. "Homenagem a *L. Cornelius Bocchus* encontrada nas Termas dos Cássios, Lisboa", *Ficheiro Epigráfico*, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 60 (1999), inscrição n° 275.
- FE 416 = ENCARNAÇÃO, JOSÉ D'; FERREIRA, MARISOL, "*Placa votiva de Salacia (Conventus Pacensis)*", *Ficheiro Epigráfico*, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 93 (2012) n° 416. <http://hdl.handle.net/10316/20550>.
- FE 443 = ENCARNAÇÃO, JOSÉ D'; CORREIA, VIRGÍLIO HIPÓLITO. "Inscrições Romanas no Paço da Ega (Condeixa-a-Nova) (*Conimbriga - Conventus Scallabitanus*)", *Ficheiro Epigráfico*, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 98 (2012), inscrição n° 443. <http://hdl.handle.net/10316/20220>.
- FE 457 = ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' *et alii*. "*Placa funerária romana de Moura (Conventus Pacensis)*", *Ficheiro Epigráfico* 103 (2012) inscrição n° 457. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/21443>.
- FE 460 = ENCARNAÇÃO (JOSÉ D') *et alii*. "*Ara funerária romana de Moura (Conventus Pacensis)*", *Ficheiro Epigráfico*, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 104 (2013), inscrição n° 460. <http://hdl.handle.net/10316/21550>.
- GÓMEZ-PANTOJA, JOAQUÍN (2009). "No siempre la inscripción es lo más importante. Un bronce de Gallur (Zaragoza) y las *tesserae pagi*". In Rodríguez Neila, Juan Francisco [ed.], *Hispania y la Epigrafía Romana: Cuatro Perspectivas*, Faenza, p. 83-131.
- GONZÁLEZ, JULIÁN Y ARCE, JAVIER [edit.] (1988). *Estudios sobre la Tabula Siarensis*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, IX. Madrid.
- GUERRA, AMÍLCAR (2003). "Anotações ao texto da *tabella defixionis* de Alcácer do Sal", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 6/2, p. 335-339.
- LUCAS, MARIA MIGUEL (1989). "*A Gens Cadia em Aeminium*". *Conimbriga*, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 28, p. 169-203.

- MARCO SIMÓN, FRANCISCO (2004). “Magia y cultos orientales: acerca de una *defixio* de Alcácer do Sal (Setúbal) con mención de Atis”, *MHNNH (Revista Internacional de Investigación sobre Magia y Astrología Antiguas)*, Málaga, 4, p. 79-94.
- NASCIMENTO, AIRES A. (2010). “*Legere, perlegere*: da singularidade epigráfica ao sentido do texto e do monumento”, *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*, Universidad de Barcelona, 8, p. 17-21.
- PANCIERA, SILVIO (2003). “*Domus a Roma. Altri contributi alla loro inventariazione*”, en Angeli Bertinelli, Maria Gabriella; Donati, Angela (ed.), *Usi e abusi epigrafici. Atti del Colloquio Internazionale di Epigrafia Latina (Genova 20-22 settembre 2001)*, Roma, p. 355-374.
- PEREIRA, ISABEL; PESSOA, MIGUEL; SILVA, TEÓFILO (2012). *As Moedas. Villa Romana do Rabaçal (Penela – Portugal). 25 Anos de Trabalhos Arqueológicos (1984-2010)*, Câmara Municipal de Penela.
- PESSOA, MIGUEL; RODRIGO, LINO (2004). *Catálogo. Espaço-Museu Villa romana do rabaçal*, Câmara Municipal de Penela.
- RIBEIRO, JOSÉ CARDIM (2002). “*Soli Aeterno Lunae. O santuário*”. In Ribeiro, José Cardim (coord.), *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 235-239.
- SEPÚLVEDA, EURICO DE, *et alii* (2006). “Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 5: Almofarizes de produção bética, pesos e cossoiros”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 9/2, p. 257-258.
- SUSINI, GIANCARLO (2001). “Em Sintra, entre os “livros” esculpidos pelos nossos avós”. *Al-madan*, Centro de Arqueologia de Almada, 10, p. 210-211.
- TOVAR, ANTÓNIO (1985). “La inscripción del Cabeço das Fráguas y la lengua de los lusitanos”. In *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Lisboa 1980)*. Salamanca, p. 227-253.
- TRINDADE, LUÍSA; MARQUES, RODRIGO; CORTESÃO, LUÍSA (2006). “Um sedimento, uma ruína, um projeto: o Paço dos Vasconcelos em Santiago da Guarda”. *Monumentos*, Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 25, p. 214-225.
- VASCONCELLOS, JOSÉ LEITE DE (1905). *Religiões da Lusitânia*. Imprensa Nacional, Lisboa, II.
- VAZ, JOÃO LUÍS INÊS (1976). “Breves notas para o estudo da viação antiga das Beiras”. *Beira Alta*. Boletim da Junta Distrital da Beira, Viseu, 35, p. 343-380.

ISBN: 978-84-616675-2-9

